

Um pouco de Caxias e o Cinema

Junior Magrafil

O cinema é um poderoso instrumento de propaganda de atitudes, sentimentos, costumes e idéias. Por ser também um meio de expressão artística, ele abre novos campos aos conhecimentos humanos, aumentando diretamente o poder de observação. Por isso e por tudo, adoro o cinema!

Às vezes me perguntam o porquê de também gostar tanto de História, mas se eu não entender quem fui, como saberei quem sou para, posteriormente, projetar quem serei? Logo, tento entender o passado para compreender melhor o que ocorre hoje, principalmente no que tange o cenário cinematográfico.

Percorrendo um pouco os idos da história do cinema de minha cidade, Caxias, Maranhão, descobri num texto do prof. F. Caldas Medeiros, publicado em O Pioneiro de 25-12-1967 (jornal local na época), que a primeira sessão cinematográfica caxiense se deu no Teatro Fênix, atual auditório do Colégio Caxiense, em 1901, com o filme “Os funerais do Rei Humberto na Itália”.

De lá para cá, já temos 108 anos. Desde então, o que se tornou, realmente, o cinema brasileiro e como anda este mercado cinematográfico? Bem, decididamente é um cinema que deve deixar a murcha realidade de divulgação a que sofre atualmente e sair dos pequenos circuitos de exibição; que deve ser assistido, analisado, avaliado por nós, porque é feito com dinheiro nosso, com tecnologia nossa, com criatividade nossa.

Temos 2.150 salas de exibição de filmes no Brasil, mas, apesar de ser um número formoso, representa apenas 7% dos municípios brasileiros e que, infelizmente e aos poucos, começaram a se fechar, de acordo com o carioca Vinícius Reis, diretor do filme Saens Peña (durante a oficina de cinema do Maranhão na Tela, em São Luís, que tive a oportunidade de participar em outubro de 2008).

Em Caxias já funcionaram o Cine Rex e o Cine São Luís: o primeiro, em uma das dependências de onde hoje está instalado o Armazém Paraíba do “calçadão”; e o segundo, no espaço da Nostra Pizza, abaixo da Associação Comercial. Por volta do final dos anos 60, existiam as sessões de matinê, vespéral e noturna. Durante a vespéral as crianças tinham o costume de trocar revistinhas de histórias em quadrinhos (HQ) com amigos, motivados pela compra, venda e troca que um rapaz fazia em sua banquinha na calçada em frente ao Excelsior Hotel. Revistas como Mandrake, O Fantasma, Recruta Zero, Zé Carioca etc. É época em que ainda repercutiam os farwest, ditos filmes de "bang-bang", em que os mocinhos eram chamados de “artistas”, e os vilões, de “bandidos”. São coisas que meu pai me contava e de que “tenho saudade”.

Por que não resgatar essa época? Por que não investir naquilo que fez reluzir os olhos das crianças, e brilhar os dos casais apaixonados? Pois uma coisa é a percepção de mundo com os olhos, outra é através das lentes da câmera e seus movimentos reproduzidos numa tela que enche os olhos e envolve todo o corpo e seus sentidos.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/um-pouco-de-caxias-e-o-cinema>